

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



FAC
LIVROS

Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO.....	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI.....	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA.....	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI.....	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS.....	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO.....	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO.....	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

“As mulheres sempre foram parte importante dos movimentos, mas agora têm voz e papel de liderança que não tinham antes. Isso muda a visão dos movimentos. Um exemplo é que as lutas lideradas por elas e as novas expressões de velhos movimentos sociais são mais interseccionais.”

LYDIA ALPIZAR

Defender as defensoras dos Direitos Humanos

Ismália Afonso da Silva¹

Lydia Alpizar nasceu Costa Rica e vive no México desde 1996. Morou no Brasil por cinco anos, de 2010 a 2015. Considera-se uma mulher mesoamericana e latino-americana, região a que tem dedicado seu ativismo feminista, um trabalho de grandes desafios. O relatório Defensores em perigo, publicado em 2016, aponta a América Latina como o lugar mais violento para defensores e defensoras de direitos humanos no mundo. Dos 185 assassinatos registrados em 2015, 122 ocorreram na região. As mulheres vivenciam situação ainda mais vulnerável que os homens. Ao assumirem liderança nas lutas por seus direitos, rompem a lógica sexista – também racista e heteronormativa – e assim enfrentam diversos tipos de ameaças. Em 2010, um grupo de seis entidades de México, Guatemala, El Salvador, Honduras e Nicarágua criou a Iniciativa Mesoamericana de Defensoras de Direitos Humanos, com o objetivo responder a essa violência. Lydia integrou o comitê impulsor da iniciativa, como diretora-executiva da AWID, cargo que ocupou até janeiro de 2017. Socióloga, é formada no Programa de Treinamento de Advocacy em Direitos Humanos do Centro de Estudos de Direitos Humanos da Universidade de Columbia (Nova Iorque).

¹ Jornalista e mestre em Gênero, Sociedade e Políticas pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) Argentina. Entre 2016 e 2017, atuou como consultora de comunicação do Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), organização para a qual editou o livro Bem viver para a militância feminista. E-mail: ismalia.afonso@gmail.com

Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.

Temos mudanças importantes, de diferentes tipos. Vou falar principalmente, do México e América Central, mas vou mencionar alguns outros países da região, também quando for relevante. Eu acho que uma mudança importante é a liderança das mulheres nesses movimentos tradicionais, por exemplo, como o movimento indígena, o movimento sindical, movimento de camponeses. As mulheres sempre foram parte importante desses movimentos. Mas agora acho que elas têm voz e papel de liderança que não tiveram antes e que eu acho que isso muda a própria visão dos movimentos. Um exemplo excelente disso é que essas lutas lideradas pelas mulheres e algumas dessas novas expressões de velhos movimentos sociais são mais interseccionais. Berta Cárceres, de Honduras, que foi assassinada em março de 2015, identificava-se como feminista, ela era uma mulher indígena e lenca, mas também era uma mulher ambientalista. Então, você tem numa mesma pessoa, seu movimento e sua organização que fazem parte dessa luta, a intersecção de gênero, tem uma análise contra patriarcados ou sexismo e discriminação de gênero muito forte nessa luta, mas também tem uma análise da crise do planeta, da crise da Madre Terra que é muito importante, e tem também direitos humanos e as questões indígenas de maneira central.

Agora, muitas mulheres estão lutando, por exemplo, pela preservação do ambiente, pelo território de recursos naturais, contra as mineradoras, contra os projetos que estão pegando os territórios dos povos indígenas, dos povos negros e que são liderados fortemente por mulheres. Os jeitos que eles estão pegando território principalmente das populações indígenas e afrodescendentes é mais forte depois do golpe em Honduras. Têm-se uma apropriação do território por parte das transnacionais em parceria com negócios locais nesses países. As lutas pela defesa do território contra as minorias, por exemplo, são velhas, mas estão numa nova fase, num novo momento de reativação das mineradoras.

Também temos movimentos que vimos no passado e que achávamos que já tínhamos superado, por exemplo, os movimentos das mães e familiares de pessoas desaparecidas. No México agora mesmo é enorme. Você tem um país em que – a depender de qual a estatística se utiliza – há mais de 30 mil pessoas desaparecidas. Então imagina a quantidade de famílias que são afetadas por todas essas pessoas que estão desaparecidas e a maior parte das pessoas que estão se imobilizando para tentar encontrar seus familiares são as mulheres. Muitas dessas organizações são novas porque esse fenômeno da desapareição forçada no México é bastante novo, nesta época atual.

Para dar um parâmetro de comparação, nós tivemos a desapareição forçada durante o período que chamamos de "guerra suja", de um pouquinho mais de 500 a 553 durante todo o tempo da Guerra Suja, nos anos 1970 e parte dos anos 1980. Ao passo que, na nossa última década, temos

mais de 30 mil desapareções forçadas. Há muitos movimentos novos emergentes de familiares que estão procurando justiça, procurando suas pessoas queridas. E a maior parte delas são mulheres – mães, avós, filhas, irmãs. Também tem homens, mas a presença das mulheres é importantíssima, e são pessoas que nunca ou em muitos casos fizeram parte de algum processo organizativo. Você tem ali atoras novas que estão desempenhando um papel muito importante na conjuntura atual. Temos isso também na Guatemala, Honduras, El Salvador, por exemplo, que agora lidam também com um novo processo que é a migração.

Mulheres centro-americanas vêm, a cada ano, para o México em caravana durante todo o mês de novembro, para procurar suas pessoas queridas, desaparecidas, que saíram de seus países em direção aos Estados Unidos, e desapareceram no México. Essas mulheres centro-americanas vão para as cadeias, vão para o centro de refugiados, vão para todo tipo de espaços onde acham que podem encontrar seus filhos, filhas ou maridos. Todos os anos elas vêm. Então, tem um movimento com respeito à migração, particularmente com respeito à desapareção dos migrantes que faz conexões muito importantes com as mulheres do México e as mulheres da América Central. Elas se chamam de mães centro-americanas.

Essa identidade da mãe que foi superimportante na época da ditadura na Argentina,, das mães da Praça de Mayo. Os coletivos aqui no México foram os primeiros da região, o coletivo Eureka, por exemplo, foi umas das primeiras organizações de mães de desaparecidos, antes mesmo de Praça de Mayo. Essa questão do lugar da mãe, como um lugar também político, de mobilização, frente à repressão, frente à violência que estamos experimentando, representa movimentos novos. A maior parte delas não tem experiência em organização, então tem um nível de risco enorme, porque também elas se tornam objeto de violência e repressão.

Outros movimentos e considero Brasil e Chile dois exemplos importantes, são movimentos estudantis muito jovens. No Chile, como também no Brasil, há secundaristas; e isso me dá muita esperança, o poder também das meninas em particular, que tomaram as escolas no Brasil. Em todas as escolas em São Paulo, por exemplo, em outras partes do país, para questões de direito de acesso à educação. Eu me lembro que pararam as ruas e fizeram muitas aulas nas escolas. Você tem essas expressões em outras regiões, no sul da África, por exemplo, são mulheres e homens, mas as mulheres, o mesmo que eu estava falando antes, desempenham um papel muito importante de liderança para os movimentos. Dessa forma, estão fazendo também educação política. Elas se consideram feministas, o que eu acho muito interessante.

No caso do Chile, essa luta alcançou uma coisa importantíssima que foi a gratuidade da educação, uma luta durante todo o tempo da ditadura. Nós temos movimentos estudantis que talvez não tenham longevidade, porque é uma característica do movimento, mas que foram bastante massivos e que têm um impacto muito importante. Para mim, essas são expressões novas, com novos atores, mas com movimentos que historicamente têm sido importantes na região. No México mesmo, tem uma história fundamental na luta pela democracia e dos movimentos estudantis. Agora mesmo tivemos os movimentos estudantis lutando contra a violência, contra a

repressão de forma importante. Por exemplo, no caso dos 43, que são estudantes homens que desapareceram, um deles assassinado. É um caso emblemático porque mostrou como o narcotráfico afeta todos os níveis de governo e todos os partidos políticos, assim como as instituições públicas – a força federal, estatal, municipal, estadual, polícia, as forças armadas, todos os partidos mostraram o contato forte, a parceria quase, aos partidos e o narcotráfico.

Nesse caso, a mobilização estudantil nacional tem sido importante para denunciar. Precisamente por ter essas características virou um caso paradigmático na luta pela democracia e contra a violência, militarização. E gerou uma mobilização nacional muito forte. Aqui você vê uma intersecção muito importante dos movimentos mais velhos de direitos humanos, as feministas, os movimentos pela paz, com os movimentos pelos familiares desaparecidos, esses últimos, os novos atores de que eu estava falando, e com os movimentos estudantis mais novos também. E particularmente os movimentos estudantis diversos, porque, mesmo que esses movimentos sejam das escolas rurais, que têm sido historicamente espaço de formação de movimento de esquerda no país, teve uma solidariedade muito forte das escolas públicas e também das universidades privadas se mobilizando.

Obviamente se você fala de México e América Central, o movimento indígena é muito importante e cresceu bastante. As mulheres indígenas têm um papel muito forte nesses movimentos, e mesmo que alguns desses atores tenham perdido a força que tiveram em algum momento, por exemplo, os movimentos zapatistas, ainda são importantes.

Algumas das mudanças que acho muito importantes, nesse contexto tão difícil que enfrentamos, e me dão muita esperança, são dentro do movimento feminista. Estamos vendo um papel importantíssimo das mulheres jovens, mulheres não organizadas previamente, uma resposta muito forte para a sociedade. Elas não são as atoras tradicionais do movimento, mas considero que é o legado, o resultado do trabalho de muitos anos. No Brasil, elas são muito jovens. É incrível, 13, 14 anos e elas estão nas ruas. Eu acho que o país que é mais avançado nessa questão é a Argentina, como um movimento “Ni una menos”, mas no Brasil e no México também, as mobilizações são impressionantes. Nunca antes, nenhum movimento conseguiu ter tantas pessoas na rua como agora.

Nessas últimas mobilizações, a resposta contra a violência contra as mulheres que é mesmo muito terrível nas redes sociais, você vê a misoginia, o sexismo, ao mesmo tempo tem uma resposta social importante liderada pelas mulheres. Essas marchas estão sendo convocadas por mulheres bastante jovens, que estão organizadas agora mais em coletivos, que não tem esse nível de institucionalidade que muitas organizações e movimento mais tradicionais alcançaram, mas que estão injetando uma nova energia e possibilidade da organização feminista, que é muito mais complexa também porque são mais diversas.

Tem atores que ganharam muita força e visibilidade, capacidade organizativa maior e muitas coisas vão mudando ao mesmo tempo em que faz com que vozes que não ouvimos antes estão

desempenhando um papel muito importante. As mulheres negras por exemplo tem um lugar muito importante agora nos movimentos da região, não porque que não tiveram, mas o nível de visibilidade, de poder, de visibilidade, de força e de contribuições que têm alcançado é fundamental. Isso injeta uma energia e uma capacidade de mobilização diferente. A mesma coisa com as mulheres jovens, com as mulheres indígenas, e outros atores.

Então eu acho que você tem novos atores, velhos atores com uma liderança mais forte das mulheres, o que muda também a própria lógica com que os movimentos mais velhinhos trabalham. E tem mudanças internas dos movimentos tradicionais. Nos movimentos de mulheres provavelmente seja um dos melhores para olhar, porque as mudanças são muitas lá. Novos atores, novas expressões organizativas, novas capacidades de mobilização, e novas agendas. Alguns temas seguem com mais visibilidade, como o aborto e questões de diversidade sexual, outros que tem a ver com a agenda econômica. Mas temos alcançado alguns outros temas, como o da violência principalmente que até cinco anos atrás não tinha essa visibilidade e que hoje consegue mobilizar não só as mulheres, mas também outras pessoas.

Você poderia comentar o papel dos movimentos sociais na atualidade?

Bom, eu acho que na América Central e no México, é muito importante. Primeiro, pela visibilidade da situação da violência generalizada que estamos enfrentando em nossos países, que é claramente uma quebra da democracia. Tivemos uma transição para a democracia muito importante, mas essa transição nunca se consolidou. Então foram processos muito frágeis que rapidamente viraram democracias inacabadas, democracias que não estão funcionando como tais. Só democracias eleitorais e mesmo aí não estão funcionando bem. Então acho que os movimentos sociais estão desempenhando um papel muito importante de visibilizar a violência e construir informação e quais os tipos de violência, quais são as vítimas, quais os autores que estão gerando essas agressões e continuar pressionando para revisão de contas, para justiça e para a repercussão da violência. Tem uma parte que eu acho que é muito forte essa questão de aprofundamento da violência social, da repressão e da população civil que está atrapalhada em meio de toda essa violência, de todos esses autores que estão exercendo a violência atualmente, e então os movimentos sociais estão desempenhando um papel importante aí.

Nesse contexto, em que as corporações e o setor privado têm tanto poder, e o setor privado corporativo transnacional e também nacional, os movimentos estão pressionando por seus direitos, seus direitos a terra, território e desenvolvimento. E eles estão lutando para que os territórios dos nossos países, a qualidade do meio ambiente e a proteção ambiental sejam respeitados. Todos os movimentos que lutam contra a mineração, contra as mineradoras estão se confrontando diretamente com o setor corporativo, que em muitos casos estão protegidos pelos governos, e também pelos Estados Unidos. Tem uma coisa que se chama Plano do Triângulo Norte, por meio do qual os Estados Unidos querem ocupar Guatemala, Honduras e El

Salvador. Basicamente tem muito a ver com questões militares, de cooperação militar, e também de desenvolvimento. É basicamente pegar os territórios mais importantes para a produção de energia elétrica.

Então os movimentos sociais estão desempenhando um papel importante de proteção de nosso planeta e do meio ambiente, para a vida das comunidades indígenas, comunidades afrodescendentes, e da população geral, além dessas mais particulares. Como as comunidades indígenas e afrodescendentes estão em territórios muito ricos de biodiversidade e de recursos naturais, elas viram objeto dessa repressão e da violência.

Temos também a defesa dos direitos específicos pela educação, pelo direito a informação. Os movimentos de mulheres continuam como suas lutas tradicionais, e estamos perdendo a batalha. Ontem em Honduras, o Congresso legalizou a criminalização total do aborto e impôs penas de cadeia, de 8 a 10 anos, para mulheres. Já temos situações bastante precárias em El Salvador, por exemplo, então você tem os movimentos fazendo as lutas por um conjunto de direitos que são muito importantes – direitos sexuais, direitos reprodutivos, a luta pelos direitos sexuais não só os movimentos das mulheres, mas também os movimentos LGBTI.

Essas lutas não pararam, mas se tornaram muito mais complexas, nesse contexto, onde a repressão e a violência são muito mais fortes e você vira objeto de repressão muito fácil, seja por parte dos atores do governo – maiores responsáveis pelas agressões contra defensores de direitos humanos – mas você também tem o narcotráfico, os paramilitares, os proprietários de grandes terras nesse jogo, além das corporações e suas forças de segurança.

Então eu acho que os movimentos continuam tendo um papel vital na defesa da democracia, na defesa dos direitos ganhos e tentando impulsionar os ganhos dos novos direitos, além de fazer resistência e dar visibilidade a essa repressão, a esse contexto de violência fortíssima, que não vimos nunca nesse nível. Eu tenho colegas da época da ditadura e elas falam que o nível de violência atual é enorme. Nossas gerações, as dos movimentos atuais, não foram criadas com essas experiências de resistência à ditadura. Então, por exemplo, as organizações de mulheres, elas não têm bons mecanismos de proteção. E temos essa mentalidade de sacrifício, de cuidar dos outros, que também operam contra a proteção. A proteção de si mesmas é a última que as ativistas pensam.

Os movimentos em geral têm mecanismos muito precários de proteção integral e poucos recursos financeiros. Isso faz com que o nível de risco e a capacidade para enfrentar toda essa violência se torne mais complexo. Então o papel é este: defender a própria existência do movimento, defender sua capacidade. É muito claro que os ativistas viram targets da violência como um jeito de tentar acalmar a mobilização. Nós falamos de violência exemplar, capaz de dar um exemplo de que se você faz isso é isso que vai acontecer com você, com sua família, com suas pessoas queridas. Então agora a resistência tem a ver também com isso, como construir capacidade pra continuar trabalhando com os movimentos sociais.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.

Sim. Quando falamos de movimentos sociais, somos ativistas mais progressistas, mas você tem os movimentos sociais, uma força que é coletiva, que utiliza ações coletivas para fazer mudanças, para defender coisas que já existem. Acho que os movimentos novos também muito fortes são os movimentos fascistas de direita. Também nesse contexto, o Brasil é um exemplo claríssimo, e com esses movimentos da classe média, muitos casos conectados com a oligarquia, com o setor corporativo, com as agendas muito específicas e estão também se beneficiando deste clima de falta de segurança. Muitas pessoas ficam com medo, e o medo as mobiliza para serem mais conservadoras, para procurar ordem, para apoiar a repressão, o uso da força. Então também temos esses movimentos em muitos casos apoiados também pelas igrejas principalmente por suas agendas e que tão falando de anticorrupção, da integridade dos funcionários públicos, servidores públicos. Em diferentes países, temos expressões também diferentes desses movimentos que conseguem mobilizar muitas pessoas e que estão lá na luta para lançar suas agendas que não são as agendas de democracia, de direitos humanos, de justiça e da paz. Não podemos esquecer deles, porque quando você fala como a imprensa faz a cobertura dos movimentos sociais, é muito interessante, eu acho que de novo o Brasil é provavelmente um dos exemplos mais claros, de como os meios de comunicação têm tanto poder e beneficiam a cobertura dos movimentos sociais mais reacionários de forma muito positiva, e constroem a estigmatização dos movimentos que não são hegemônicos. Esse fenômeno é comum em toda a região e cada país muda um pouco dependendo do contexto.

No México, uma das coisas tristes e muito preocupante é que essa violência é quase normal e cotidiana. Antes, você ficava assim “todas essas mulheres estupradas pelos traficantes, todos os feminicídios”. Agora, é tanta a violência que essas notícias viraram normais, não geram a mesma indignação que geravam antes. Isso também afeta o trabalho dos movimentos. Você tem esses movimentos de desapareções, os familiares dos 43, e um montão de casos, muitos, muitos casos. Tem bastante movimento pressionando por justiça, mas tem uma cobertura muito pequena. Podem fazer greves de fome... Agora mesmo familiares dos 43 estão fazendo greve de fome numa das principais ruas da cidade e ninguém sabe porque não sai nos meios. Tem pouca cobertura e uma cobertura muito estigmatizada. Se acontece algum problema é porque estão utilizando meios violentos. Se elas são mulheres, há um preconceito muito forte de gênero na cobertura. Se havia mulheres, vão falar delas, de sua atividade sexual, sobre ter deixado filhos em casa.

Quando você estigmatiza um movimento social, afeta a credibilidade e a legitimidade frente a toda a sociedade. Se o movimento tem uma credibilidade e uma legitimidade fortes, muitas pessoas que não fazem parte do movimento estariam prontas para apoiar suas causas e defendê-los, mas quando o movimento perde a credibilidade e é estigmatizado, ninguém reage. Assim, o

movimento pode ser reprimido e haver pouca reação por parte da sociedade. Na Guatemala, por exemplo, a luta das comunidades indígenas contra a mineração tem as lideranças mulheres. Nos meios de comunicação, elas são acusadas de ser bruxas. Um preconceito de gênero muito forte. Para ter a comunidade confundida, acusam-nas de ter filho e não ter marido. Tudo isso faz com que essa liderança e o grupo ao redor delas fique estigmatizado. Os meios são utilizados, muito fortemente, como exercício dos poderes fácticos, e também os poderes do governo, para isolar e estigmatizar os movimentos contrários às agendas dos grupos do poder.

Ao lado disso, muito importante também, há uma repressão muito forte das pessoas que estão trabalhando nos meios de comunicação tentando dar visibilidade a corrupção, a violência, a impunidade. Neste ano, no México, acho que foram 15 jornalistas assassinados. No mês de março, foram quatro, foi assim um, outro, outro, outro. Muitas mulheres cobrindo questões eleitorais e denunciando a conexão dos partidos políticos com o narcotráfico. Um exemplo, é o caso de Miroslava [Breach], de Chihuahua, que publicou nome e sobrenome de muitos políticos que tem vínculos provadas com o narcotráfico. Eles chegaram em casa quando ela estava saindo com seus filhos e a mataram em março. A colega que trabalhava com ela saiu do México há dois dias para outro país com sua filha, porque teve ameaça de morte. Os jornalistas dos meios tiveram que criar redes e mecanismos de proteção para responder a violência. Nós os consideramos defensores de direitos humanos e agora há uma certa aproximação das feministas e mulheres trabalhando em proteção com as jornalistas, porque muitas das pessoas que estão sendo assassinadas ou ameaçadas são dos meios de comunicação. Assim, de um lado, você tem os meios mais mainstream, mas também tem uma resistência dentro dos meios, de jornalistas que estão fazendo um trabalho incrível para documentar, para denunciar a impunidade, a violência e a corrupção. E elas jogando sua vida nisso e estão sendo mortas. Honduras é um os países onde tem o maior número de jornalistas mortos. No México de 2010 a 2014, 41 mulheres defensoras de direitos humanos foram assassinadas. A maior parte das agressões, dos ataques é do governo e entre 2012 e 2014 tiveram um crescimento de quase 300%.

Tem uma rede que se chama de “Jornalistas de pé”. Essa rede foi criada nos últimos 10 anos e trabalha muito forte pra proteção das jornalistas, então os meios estão desempenhando diferentes papéis, mas eu acho que a nível social geral, pelo poder que tem, por exemplo, na televisão, tem uma capacidade de influenciar na construção de discursos que estigmatiza nos movimentos sociais mais progressistas, e apoia as agendas mais reacionárias. Uma coisa que mudou muito a cena dos meios de comunicação são as redes sociais, porque muitas coisas acontecem aí, mesmo que não toda a população faz parte das redes sociais, aí mesmo se tem agora os novos fenômenos que são importantes de registrar. Por exemplo, de ataques digitais. Não ataques de hacker, não estou falando disso, isso acontece sim, mas ataques muito bem orquestrados, preparados de trolls. Você é uma feminista e denunciou um estupro, então já existe uma quantidade de trolls bem organizados, que vão procurar toda a informação sobre você e vão atacar você e vão estigmatizar e também vão colocar você em risco na vida real, não só na rede. Então tem isso, pra mim essa violência digital é muito importante, nós pensamos em

segurança digital, de como proteger a minha senha e como faz encriptação, mas uma das guerras mais fortes são os meios das redes sociais. É uma guerra discursiva de utilização dos meios para exercer violência e repressão também contra as mulheres, e contra outros atores que estão levantando causas importantes. É impressionante a capacidade para mobilizar milhões de pessoas atacando, fazendo insultos. É uma guerra que muitas vezes perdemos porque não temos a mesma capacidade de resposta. Acho que não estamos bem preparados para enfrentar os ataques de discurso, ataques de informação e que acrescentam a essas questões de estigmatização, de credibilidade, e que também provocam um maior risco pros atores dos movimentos, pros ativistas.

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.

Sim. Um caso bastante importante, que foi dos primeiros de repressão, completou 10 anos ontem. Foi quando o presidente atual foi governador do estado do México. Eles estavam tentando construir um aeroporto, mas tinham que pegar terras que são historicamente coletivas. Tem o movimento muito forte do povo de San Salvador. Eles estavam numa resistência muito forte contra a construção do aeroporto, e eles pegaram a força pública e fizeram uma repressão muito forte. Assassinaram não lembro quantas pessoas, mas foram bastantes, mas estupraram muitas mulheres e os casos dessas mulheres se tornaram emblemáticos. Elas são um movimento muito interessante porque as lideranças que em muitos casos foram homens, estão na cadeia ainda, ou fugitivos, e elas sempre marcham com facões, porque são camponesas. Então imaginem muita gente, todas marchando com seus facões. Para os meios, eles são violentos. Agora tem líderes mulheres importantes nesse movimento ainda resistentes, ainda exigindo justiça. Todos os casos de violência sexual ainda estão impunes. Então, ontem tiveram alguma visibilidade porque foram 10 anos de repressão, mas ninguém fala. Então essas coisas que com o tempo passa perdem prioridade, mas agora mesmo tem tantos casos assim no México, é mais difícil, e aí os meios de desempenharam um papel importante de estigmatização. E justificando a repressão, acho que essa repressão marcou de um jeito muito importante, o momento de maior repressão depois disso, pois foi quando estava começando a guerra contra as drogas, que foi lançada pelo governo do presidente anterior, Felipe Calderón, e que foi esta loucura, enfrentando o México agora mesmo. Mas você tem, outro exemplo, em El Salvador a luta das companheiras pela descriminalização do aborto, principalmente para tirar da cadeia todas essas mulheres que estão condenadas a 25, 30, 40 anos de cadeia por aborto. É uma coisa horrível. Tem uma campanha forte das 17 mulheres que estão na cadeia com essas sentenças. Elas tiveram já alguns triunfos, mas você tem os meios de comunicação que apoiam a Igreja Católica, principalmente, e estavam fazendo difamação das atoras do movimento de mulheres que tem trabalhado muitos anos nessa causa. Porém tem alguns outros meios internacionais com os quais é possível fazer parceria. Nós trabalhamos muito quando eu estava na AWID com o The Guardian. Foi uma parceria

interessante porque é um veículo internacional, com bastante prestígio. Elas entraram e fizeram uma boa cobertura, incluindo um vídeo em espanhol e inglês sobre a situação. Então dependendo da estratégia, os meios locais normalmente não apoiam, porque tem muito controle da oligarquia. Esses meios difamaram muito as companheiras, mas os movimentos tiveram também acesso a outros meios, internacionais, por exemplo, que ajudaram bastante. É uma luta que ainda continua, mas elas tiveram já alguns ganhos: uma das mulheres foi liberada e a sentença foi mudada.

Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?

Sim, forte. O país que é interessante olhar é Honduras. O caso de Berta, por exemplo, a luta contra a hidroelétrica. Você teve o assassinato de Berta e a cobertura tem sido claramente um alinhamento com o governo, e o governo do golpe, mesmo que tenha havido eleições, o governo realmente é o resultado do golpe. As corporações transnacionais, os grupos de negócios do setor privado local, com os partidos políticos que têm alianças com esse bloco. A maior parte dos meios de comunicação estão alinhados desse jeito. Você tem também uma série de rádios comunitárias e alguns meios mais alternativos e pequenos, que são dos movimentos sociais, mas cujo nível de penetração na população é limitado.

Tem uma agenda muito clara de desacreditar e de atacar, de promoção da violência contra, por exemplo, o movimento e a organização de Berta. Houve um relatório da Holanda, do banco que fez investimento na hidrelétrica, eles pegaram a informação do relatório e distorceram, e utilizaram pra fazer difamação da organização da Berta. Honduras é um caso muito claro, onde você tem linhas claras ideológicas e políticas entre os atores dos meios.

México fica um pouquinho mais confuso, eu acho que pela complexidade do país. Mas aqui o nível de violações à liberdade de expressão e de informação é muito forte. Tem sido uma reivindicação importante na luta pela democracia, porque o controle dos meios foi muito central nos anos do PRI [Partido Revolucionário Institucional]. Nos 70 e tantos anos de governo do PRI, eles controlaram muito fortemente os meios. Então a reivindicação de liberdade de expressão e de informação é muito forte.

Agora mesmo tem agendas muito fortes sobre isso, por exemplo, conectado com a questão da violência dos jornalistas. Tem vozes dentro dos meios mais importantes que tem tirado de alguns meios, por exemplo, Carmen Aristegui, que é uma jornalista muito importante ela fez denúncia de corrupção com fatos sobre o presidente e sua esposa. E eles tiraram a jornalista do meio de onde eles trabalhavam, tem ações contra ela, e agora criaram uma rádio online. É um ataque constante. É muito claro que qualquer dos meios que se propõem a fazer denúncia de corrupção

e impunidade são alvos da violência, por parte desses atores. Essa violência que pode ser judicial ou cooptar o proprietário do meio para que feche o programa. Então tem de novo uma aliança entre partidos políticos mais reacionários, com os principais meios de comunicação, televisão e rádio, e oligarquia.

E tem também o narcotráfico, que essa é outra parte que é muito importante. Tenho uma amiga, essa amiga que vive no Norte e ela fala: "Todos os meios estão controlados pelos narcos". Tem estados que já não tem Estado, tem puro narcoestado, no norte temos muitos estados assim. Então os jornais, por exemplo, locais, totalmente controlados pelo narco. A independência editorial é mínima. É um fato um pouco diferente de outros países, onde você tem o crime organizado completamente controlando muitos meios. De um lado, temos os grandes meios com uma aliança forte com o governo. Mas em nível estadual, as situações de aliança mudam. Há um fator muito forte em quase todo o país, algumas partes mais fortes que outras, onde o narco determina muito a cobertura dos jornais em particular. Quem não cumpre então é assassinado. Então, você tem muitos casos onde elas entram e matam todos no editorial, equipe do jornal, o editor principal. Tem um clima de muito medo, dentro dos meios.

Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.

Sim. Eu acho que é complexo, porque todos os meios não são públicos, são corporativos, mesmo o The Guardian é uma corporação. E nós tivemos muita discussão quando fizemos essa parceria, porque na AWID e em outros fundos ninguém tem uma parceria assim com ninguém. Pra nós foi interessante, porque discutimos muito isso na corporação. Ao mesmo tempo nós achávamos que a cobertura que eles fazem é bastante progressista. Então essa parceria era interessante, porque foi progressista. Foi interessante porque podíamos fazer sugestões dos temas e frente a conjunturas particulares, podíamos fazer sugestões para falar com ativistas locais. Achávamos importante que dar visibilidade às vozes da mulher em particular. Então por exemplo, se acontecia uma situação nós podíamos mobilizar os contatos locais para que tivessem uma opinião de ativista local progressista. Então tivemos muita influência pra fazer sugestões, e eles têm toda liberdade editorial para fazer as escolhas.

Eu acho que depende muito do contexto local e das estratégias que as ativistas tenham para utilizar a cobertura internacional a seu favor. Algumas vezes a cobertura internacional pode ser um problema. Se há acusações de que você está defendendo uma agenda estrangeira, e tem muita cobertura estrangeira, isso acaba reforçando a ideia de que sua agenda é uma agenda de fora. Então acho que também a utilidade é bastante conectada com o contexto e com a luta. Mas eu acho que quando pode ser utilizada pode ser muito útil. O que eu falava, por exemplo, algumas

vezes o contato com o portal El País é muito bom, eu acho que o Brasil é excelente. Lembro-me que estava no Brasil em maio de 2015, então uma boa parte das coisas do golpe e a cobertura do El País foi uma alternativa, um meio mais *mainstream*, mas como uma cobertura muito mais interessante.

O The Guardian acho que tem um impacto importante, precisamente porque é inglês. A informação que está saindo em espanhol ou português, você coloca em inglês e chega a uma audiência global maior. Quando estávamos fazendo um trabalho importante de apoio com a campanha em El Salvador, com as 17 mulheres, ao mesmo tempo, nós fizemos uma campanha de solidariedade. Eu estava em Nova Iorque com a diretora da seção mulheres do The Guardian uns três ou quatro dias após o assassinato de Berta e nós conseguimos colocar em contato com a filha de Berta. Isso ajudou a ter informação em inglês, tivemos uma campanha global. É importante ter informação em inglês para que saia da região, porque essas coisas ficam aqui, mesmo situações e casos importantes para um contexto global. Então acho que pode ajudar bastante.

No caso de Berta, tivemos uma combinação forte para a cobertura nos Estados Unidos, porque obviamente quando estava na campanha, Hillary tinha sido a secretária de estado quando o golpe aconteceu, ela apoiou o golpista de Honduras, e o assassinato de Berta tem a ver com o golpe. Então a cobertura entra em contato com as informações forte, CBN, World Journey, Washington Post, tiveram cobertura dos acontecimentos de Honduras. Então, mas aí tínhamos uma estratégia concertada em como utilizar a cobertura internacional para colocar pressão sobre o governo de Honduras. Eu acho que quando temos capacidade para utilizar por ser muito interessante.

Essa experiência com o assassinato da Berta, na sua avaliação, é um exemplo positivo de como usar a cobertura internacional e ganhos políticos internos?

Acho que temos muito poucos ganhos no caso Berta. E a situação em geral é muito pouco otimista, é muito difícil. Mas eu acho que deu uma visibilidade global, um assassinato que é emblemático, paradigmático. É uma das lutas mais importantes do momento atual no planeta. É uma luta pela vida do planeta, pela vida das pessoas, liderada pelas mulheres, mas por uma mulher claramente feminista e indígena, ambientalista. Uma coisa mais a outra, mais a outra, a interseccionalidade da luta, das ideias, das estratégias, das ambições, da análise, da realidade. Ela [Berta] significava tudo isso. A forma com que os meios a apresentaram foi muito boa, porque conseguiram mostrar essa complexidade. Então acho que foi importante para que a coisa não ficasse invisível, marginal, para dar visibilidade, em um caso paradigmático de muitos outros que estamos enfrentando, da repressão, de violência, e da importância da luta, das comunidades. Estão resistindo, estão lutando, para que essas situações não aconteceram, e estão pagando com suas vidas. Então acho que foi um ganho de colocar uma pressão política, mas o governo hondurenho é um dos casos mais terríveis e patéticos de que não se importam de quanta pressão

internacional tenha. Eles continuam assassinando, continuam fazendo violações de direitos humanos, continuam apoiando uma agenda que vai pra trás, de retrocesso enorme. Uma das perguntas que se faz agora para as organizações e para as pessoas que estão fazendo solidariedade com Honduras é “o que mais fazer?” porque a pressão internacional não está dando certo. O secretário geral da Anistia Internacional vai para o país e o presidente não se reúne com ele.

Então sim, acho que ajudou, acho que o ganho foi a visibilidade, o ganho foi que as ativistas se sentiram acompanhadas, acharam que essa visibilidade poderia ajudar pra maior segurança. Eu estive lá em junho com a rede das defensoras e elas falaram que a rede é fraca, que não tem muitos recursos, tem muitos casos e estão numa situação de luto permanente. Muitas pessoas estão sendo assassinadas. Estamos ainda falando de Berta, mas já temos três mais, e elas estão muito desgastadas. Tem essa parte do impacto emocional, psicológico que é muito forte.

Então sim, tem o ganho, mas a situação é que o governo de Honduras não se importa com a pressão internacional, e a cobertura internacional tem um limite também como recurso.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.

É muito importante a presença nos meios tradicionais. Como eu falei antes, muito da legitimidade dos discursos sobre os atores dos movimentos sociais é construída aí. Então, acho a presença dos meios tradicionais continua sendo importante. A promoção de cobertura boa, entrevistas e visibilidade da rádio, da televisão é importante. Eu acho também que essas estratégias de meios alternativos são muito importantes. Por exemplo, em Honduras a rádio comunitária pela internet continua sendo estratégia importante, então eu acho que a rádio tem uma penetração enorme na população ainda. Não podemos deixar de ter uma presença e são importantes porque elas mesmas têm sido alvo da repressão, fechamento. Não falamos de Nicarágua, mas a situação também não é boa. Um dos programas feministas de rádio que existia há muitos anos foi fechado há um mês. Então eu acho que esses espaços alternativos, meios de comunicação, são muito importantes, não podemos deixar.

As redes sociais poderiam ser utilizadas de um jeito muito mais forte, com maior intencionalidade. Do mesmo jeito que, em muitos casos, homens ou outros atores, estão muito bem organizados, com seus trolls e bots, eu me pergunto se temos que construir a maior capacidade pra ter uma presença maior nas redes sociais. Eu acho que é um espaço de luta pela construção de discurso. É um espaço de difamação, de ataques contra credibilidade, de estigmatização muito forte, e aumenta o risco dos ativistas e das pessoas em geral. Mesmo se você não é ativista de uma

organização, mas uma jornalista que está falando ou uma blogueira, todos esses atores ficam em maior risco.

Então acho que ainda nós falamos muito entre nós, e tem muitos bons grupos de facebook, twitter, mas acho que isso está chegando a outros espaços virtuais, onde entraremos em um debate com atores que tenham abertura para debater. É o que a própria Márcia Tiburi e sua análise sobre como falar como fascistas, o que é impossível, mas eu acho que tem muitas pessoas que não são fascistas necessariamente, e que estão tendo uma influencia muito forte desses discursos. Então acho que temos que entrar em uma luta também nesse nível de discurso. As redes sociais desempenham um papel importante, então temos que ter essas teias maiores, mais fortes, de presença nas redes sociais. Aí as mulheres jovens feministas e mulheres que não são tão jovens assim estão fazendo muito trabalho nas redes sociais e são muito boas nesse aspecto. Isso também é importante para outros movimentos sociais.

Ainda acho que, sim, que as redes que nós utilizamos são muito sérias e autoreferenciais. Não são tão abertas com a população mais geral. Tínhamos que ter mecanismos para poder entrar nesses outros espaços, ter capacidade de resposta e proteção frente a violência, e conseguir permanecer nesses espaços. Finalmente eu acho que uma parte que temos que utilizar muito mais, que está lá na historia de luta de muitos movimentos sociais da nossa região. Tem a ver com a comunicação, mas não é só comunicação. São as questões da arte na cultura, teatro, expressões artísticas plásticas e música. Agora precisamente temos as redes sociais e com muitas possibilidades de fazer melhor uso de técnicas e expressões que podem se conectar emocionalmente com as pessoas. Isso os fascistas fazem muito bem: uma conexão emotiva forte.

Eu acho que teríamos que pensar como podemos utilizar mais a arte e cultura, como meios para chegar e fazer conexões emotivas e políticas com as populações que estão sendo captadas pelos fascistas e seus discursos de medo. Eu acho que isso requer muita força e requer de outra criatividade nossa.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

